



# O Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 24 de Novembro de 1984 \* Ano XLI — N.º 1062 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## UM RECADO MUITO IMPORTANTE

Quase todos os dias somos alertados pelo telefone: «Uns rapazes andam a pedir para a Obra do Padre Américo e a passar umas rifas... São vossos?!»

Não são! Não acreditem! Os nossos rapazes não pedem — só vendem o nosso jornal O GAIATO.

Em Lisboa são grupos de mulheres que enganam pedindo nas ruas.

No Porto, um grupo de jovens organizados — talvez manipulados por adultos — enganam igualmente. Agora até já utilizam um veículo automóvel! — pelo que nos dizem alguns incautos Amigos...

Não se deixem iludir! Não é a nossa Obra, nem é para ela. Aqui fica o recado.

Padre Telmo



Surpreendidos pela objectiva, os dois «Batatinhas» da Casa do Gaiato de Lisboa (Tojal-Loures) provam o espírito d'entreeajuda no seio de famílias numerosas — como a Obra da Rua. Eles, aqui, são irmãos. Não são internados...

## Aqui, Lisboa!

«O povo, farto de sofrer, perdeu a fé nos homens e já não acredita nas suas intenções, mesmo que elas sejam boas e sinceras; nem está disposto a deixar que lhe façam bem, e esse é precisamente todo o nosso mal.» (Pai Américo)

Conta-se que essa personagem mítica que foi o respeitável Professor coimbrão, Doutor Elísio de Moura, numa das suas excentricidades verbais, teria dito um dia que não se deveriam construir casas de saúde para doentes mentais, antes edificar à volta do País uma muralha, pois sendo aqueles tantos, todos ficariam logo internados...

Verdadeira ou não, a história referida sugere-nos a ideia de que não se deveriam constituir asilos, casas de repouso ou equivalentes, que existem já nesta santa terra instituições a mais, desde as repartições estatais ou equiparadas a empresas nacionalizadas, onde pouco ou nada se faz e que funcionam à maneira de sopa dos po-

Cont. na 3.ª pág.

## NOTAS DA QUINZENA

■ Olhemos o Bem. Ele existe.

Está mesmo connosco dentro do nosso coração. Também à nossa volta. Não somente na beleza criada... mas em tantos gestos que, quotidianamente, revelam amor; perdão, partilha da alegria e comunhão na dor.

O Bem prevalece e perdura. Recordo a guerra e o saque numa cidade africana. As cenas de horror vão ficando diluídas no Tempo. Os gestos bons vão tomando volume e forma. Penso no Padre Viana: Ao ter conhecimento que uma doente grave não tinha conseguido fugir do hospital e ali jazia com sofrimento e solidão foi abaixo de tiros, trouxe a doente para a Missão e tratou dela. Também no velho Pascoal que, durante a noite, guardava a nossa Aldeia do Gaiato com um varapau na mão... e os «meninos» dormiam tranquilos porque o Pascoal,

sem medo, dominava a guerra! E na irmã Piedade, tranquila e grande, continuando a tratar os seus doentes — sem pressas e com amor.

Gestos bons, nascidos do «ama o teu Próximo como a ti mesmo» e das palavras do Senhor: «Faz tu o mesmo; realiza; não te fiques no «Senhor, Senhor!».

Peguei, hoje, em dois diários: nem um gesto bom! Só medo e mal... — os gestos maus do Mundo! Não é essa a verdadeira face. É uma falta nossa, dos cristãos, o termos medo do Bem e até o escondermos. «Vós sois a Luz do Mundo: não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte. Brilhe a vossa Luz diante dos homens de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o nosso Pai.» (Mt. 5, 14-16)

■ Outra grande falta é não darmos, geralmente, a ninguém, a nossa novidade.

Os dois Emaús foram a correr dar a nova: «Vimos o Senhor!» Nós, não. Ficamos no canto, com medo de que alguém nos venha questionar:

— Tu também andavas com Ele...

— Eu?, não sou desses! Medo e vergonha do nosso Deus; em vez de O proclamarmos bem alto e em todos os lugares, sobretudo com obras — a prática de Vida.

O Senhor é!  
Ele ressuscitou!  
Eu creio n'Ele!  
Tenho esperança!  
A Eternidade é uma certeza. «Sede minhas testemunhas».

■ Foi. Colocámos o Senhor numa prateleira bolorenta. O Evangelho incomoda-nos. Nem queremos pensar. Tudo...

Cont. na 2.ª pág.

## Partilhando

■ O domingo acordou mais cedo por via dos visitantes —romeiros da festa de S. Simão, nosso vizinho. O dia convidava à romaria! E, não sendo essa a razão, somos visitados pelo ex-«Arjinho», esposa e família amiga. Ele fazia anos, veio matar saudades e mostrar a nossa Casa — que foi e ainda é sua — aos seus amigos. O Neca, já de cabelos brancos, foi também cicerone. E contou-me, depois, que uma senhora de noventa e quatro anos de juventude, daquela família amiga, teve este desabafo comovedor, à entrada do portão da nossa avenida: — Cheira-me aos ares de Pai Américo! Agora já posso morrer... Tudo isto a lembrar a alegria do velho Simeão! Os olhos vêem mais, tudo..., quando o coração abre as portas ao Bem, a Deus!

Aquela senhora, quase centenária, quis ver tudo, subiu todas as escadas e desceu a todos os pormenores para sossegar os seus anseios de estar um dia, hoje, aqui, connosco — segundo o relato do Neca. Eis a alegria de viver! O sonho é feito realidade. E aí da vida se não fossem os sonhos... da Esperança! Parabéns ao ex-«Anjinho» — António dos Anjos. Muitos e bons anos como os daquela sua e nossa Amiga.

■ Mais outra visita de um antigo gaiato em romagem muito especial no Dia de Todos-os-Santos: — Venho trazer isto que prometi (um cheque) e falar com o Pai Américo.

É a doutrina da Comunicação dos Santos, da Ressurreição da

Cont. na 4.ª pág.



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Visitámos dois irmãos, já velhos, numa moradia do Património dos Pobres, partilhada por outro velho solteirão. Dois fogos sob as mesmas telhas, sendo respeitada a privacidade de cada um.

— *Nós damo-nos bem... — esclarecem os três — damo-nos muito bem. — Graças a Deus!*

Ainda que nem tudo primasse pela limpeza — indivíduos já curvados pelo tempo... — gostámos, no entanto, da sua providência em defesa do frio que aí vem:

— *Ajuntámo-nos e fizemos o nosso lenhar...*

Cavacos bem partidos! Homens do campo que dão lições...!

— *Quando está muito frio mantemos a lareira acesa pr'além do caldo, e à noite vamos quentinhos prà cama. Agora, com a luz, estamos no céu!...*

O cuidado da lareira reaviva-nos o gosto que Pai Américo tinha por elas, pelas mais típicas da civilização do granito, em moradias do Património dos Pobres no meio rural. Falámos dele. Ora senão!... Até que um dos anfitriões, homem rude, com uma graça muito própria — foi cantador em vindimas e esfolhadas — pede a nossa atenção:

— *Todo os anos quero mandar dizer uma Missa pelo nosso patrão...*

Arreganhámos a cara. Por isso, esclarece:

— *O Pai Américo, intende?! O Pai Américo é o nosso patrão. Nós somos os caseiros...*

E continua, descontraidamente:

— *Todo os dias temos de agradecer ao Pai Américo..., em nossas rezas. Mas eu quero pagar uma renda melhor: mandar dizer uma Missa por ele...*

Não estranhámos a sua linguagem, pois foram agricultores.

Vamos pedir a um dos Padres da Rua que numa próxima Celebração ponha na patena do Altar a intenção destes homens bons e gratos. Dentre todas quantas cumprem, diariamente, talvez esta seja, como é, uma das mais saborosas — em sua missão específica na evangelização dos Pobres.

● Depois, batemos a mais portas, inclusivé na de um doente incurável que estava casualmente só, numa cadeirinha de rodas que os nossos Leitores ofereceram, oportunamente.

Para a nossa acção, o doente já não é um completo encargo material. Nos termos da legislação em vigor conseguimos pensão de reforma para o casal, a do doente acrescida do subsídio de grande inválido.

Ele fala com as mãos, os braços, os olhos; e um sorriso aberto misturado com uma lagrimazita de emoção, dá alegria interior. Trocámos um abraço apertado, quase eufórico!

São encontros indescritíveis! Horas de Sobrenatural. Ele disse o seu trabalho agora, acenando para o Alto: rezar. Traves mestras que seguram o Mundo — e reavivam a nossa fé!

PARTILHA — *«Avó de Sintra» abre a procissão:*

*«Junto 2.000\$00 para a tal família do costume, o que tenciono continuar enquanto puder. É pouco, eu sei, pois a vida está péssima e se formos ver para mais nada dão que para o pão de duas pessoas; mas a pensão que tenho também é fraca. Fosse ela maior que mais enviaria.*

*Cada vez há mais famílias necessitadas e cada vez mais egoísmo! O Mundo todo está em crise, social e moral. Deus tenha piedade de nós!»*

Uma amorosa remessa da Rua dos Bombeiros Portugueses — Faro. O assinante 27510, de Fânzeres, arrumou contas com O GAIATO sendo o resto para a Conferência. Vem lá agora um cheque da Rua n.º 20, Espinho, «minha contribuição do segundo semestre de 1984». Não falta! Outro da assinante 20174, de Coimbra. E mais outro da assinante 9550, Rua António Bessa Leite — Porto:

*«Não nos conhecemos. Mas isso não importa. Conhecem-se as almas. É o principal.*

*Quando recebo O GAIATO, em geral fico a sangrar por não poder valer aos casos que vai apresentando aos leitores. Queria ajudar os doentes, etc. E vejo reduzido a pouco a minha desmedida ambição!*

*A falta de mil vão dez. Nem sei para quê. Será para o que entenderem, retirando o dinheiro da minha assinatura d'O GAIATO para 1985. Assim, não chegarei atrasada...*

*E que Deus os ajude e me ajude a «acertar» um pouco as contas que terei de apresentar-Lhe qualquer dia.»*

Alma cristã!

Assinante 22311, de Torre de Ansiães, 150\$00 «para alguma falha a tapar», na acção da nossa Conferência. Vilares (Vila Franca das Naves), 500\$00. A «habitual migalhinha» (10 rands) de Umbilo — Durban — África do Sul. E mais outro cheque da assinante 20174, de Coimbra — onde Pai Américo foi Luz que desponhou para os Pobres, na década de 30.

A Cancerosa continua a motivar especialmente alguns Leitores. Temos 1.000\$00 da assinante 20652 e mais 3.000\$00 da Rua Duarte Lobo, Lisboa, cuja samaritana diz:

*«Estava para comprar um livro quando vi n'O GAIATO a notícia da Cancerosa e decidi que valia mais enviar para ela essa importância.*

*Para isso junto um cheque (arredondei a conta). Que Deus lhe acuda. Fico satisfeita pela troca que fiz.»*

O Mandamento Novo!... Agora, entregamos à doente, regularmente, uma mão cheia de notas que saem inteirinhas da vossa alma: dez contos por mês. Ela, depois, no Céu, fará render ainda mais — só Deus sabe como e onde — a riqueza que faz brotar do coração de todos.

Finalmente, um antigo recoveiro dos Pobres, de Lisboa:

*«Reza a História que, quando Pedro o Eremita pregou a Santa Cruzada para a libertação dos Lugares Santos, as multidões tomaram a Cruz e em arroubo de Fé exclamavam: — Deus o quer! Deus o quer!*

*Também na Cruzada Vicentina a favor dos necessitados de auxílio espiritual e material, podemos dizer: — Deus o quer! Deus o quer!*

*Sim. Deus o quer. Simplesmente... nós nem sempre o queremos, ou por*

*falta de vontade, ou por falta de disposição ou outro motivo qualquer.*

*Nisto tenho reflectido, pois há muito tempo que não dou sinal de vida. Mas hoje repito como os Cruzados: Deus o quer! E porque Deus o quer, remeto um cheque, sendo metade para a pobre Cancerosa por cujas melhoras rogo ao Senhor.*

*Agradeço uma prece pelas minhas filhas...»*

Ficamos por aqui, d'alma cheia, e endereçamos a todos os Amigos um muito obrigado em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

## Lar de Coimbra

ANO LECTIVO — Já com o primeiro período bastante avançado ainda não tínhamos dado referências da nossa vida cá em Casa e fora dela.

## SETÚBAL

✠ A sr.ª D. Cecília esteve connosco durante dez anos. Chegaram para marcar em cada um dos que a conhecemos, profunda e sincera amizade.

Em princípio viera somente para acompanhar a sua filha adoptiva — nossa professora. Vendo-se neste mar infinito de necessidades, desdobrou-se em todos os ramos da actividade feminina da nossa Casa: Na rouparia, na cozinha, nas limpezas, no desvelo aos doentes, no aconchego a todos os que se aproximavam dela, ansiosos de carinho maternal. Foi, durante quase uma década, a Mulher forte e sábia, qual sol radioso que iluminava e aquecia o coração de todos.

Nunca vi esta senhora sentada à mesa tomando uma refeição sossegada! Os Outros foram a sua palxão devoradora! Ela cada vez mais esquecida de si própria!

Connosco aproximou-se, pela primeira vez, do Pão da Vida!... Todo o seu ser se encheu de Luz e nos iluminou! Há Luzes destas que são como relâmpagos. Brilham repentinamente

Este ano somos um total de vinte e sete estudantes distribuídos pela seguinte ordem:

Quatro no primeiro ano do Ciclo; oito no segundo do Ciclo; quatro no 7.º Unificado; quatro no 8.º Unificado; dois no 9.º Unificado; um no 10.º Unificado; dois no 11.º e outros dois no 12.º.

Estudamos quase todos gratuitamente na Cooperativa do Ensino de Coimbra, excepto eu que estudo no Colégio de S. Teotónio.

A Cooperativa, sempre com as portas abertas aos gaiatos, tem-nos ajudado muito — e nós procuramos merecer a estima dos professores e responsáveis.

Porém, manter 27 estudantes no que respeita às necessidades escolares, é um encargo muito dispendioso se atendermos ao material escolar que é comprado: cadernos, livros e outros materiais a preços exorbitantes. Como manter em dia estas necessidades, se se chega ao exagero dos livros cus-

e... apagam-se. Naquela Mulher a Luz alimentava-se a si própria e crescia... agigantava-se... e, num crescendo constante, irradiava instintiva e naturalmente. Era a Luz de Deus expandindo-se em seu coração aberto!

O Senhor veio buscá-la para gozar definitivamente, eterna e plenamente desta Luz no dia 6 de Novembro, depois de longa, penosa e purificante doença. Há uns dez anos que não estava connosco, mas, na Capela, esta Comunidade cristã velou o seu sacrificado corpo celebrando em comunhão com Deus e com ela uma Festa de Ressurreição.

Durante a doença e velhice a sua filha adoptiva tratou-a com um amor heróico e um cuidado inigualável, dando a quantos conheciam o seu estado uma lição mestra de como os Lares da Terceira Idade são, tantas vezes, um flagelo e uma falsa, errada e absurda libertação dos familiares. Amor com amor se paga. Só no amor se cresce e se é feliz. O resto é cantiga.

Padre Acílio

## NOTAS DA QUINZENA

Cont. da 1.ª pág.

porque Deus não está metido, inserido na nossa vida.

Não está presente quando realizamos os nossos negócios (sem peias, podemos defraudar o Próximo); posto de parte na educação dos filhos (é moda não falar de Deus); sempre afastado no cozimento das leis e portarias; e, o que é mais grave, começa a não estar presente na vida de tantas famílias.

Não há mais espaço para o Senhor!

Perdemos, um pouco, a raiz cristã. Outras seivas e a raiz embotou.

A maior parte dos carreiros que tomámos não conduzem a parte alguma. Começamos a sentir tristeza, desânimo e um certo cansaço de nós próprios.

Vem, Senhor, vem! Nunca como hoje precisamos da Tua presença amiga!

Padre Telmo

tarem uma média de 400\$00 cada, tendo em conta a sua obrigatoriedade?!; exceptuando um ou outro mais acessível...

Nós temos apelado para as Editoras e há delas que têm respondido, como sejam: a Porto Editora e a Contraponto. Para elas vai o nosso agradecimento por nos terem ajudado, não só neste, como também noutros anos anteriores. Mas há outras que fazem «orelhas moucas».

Já gastámos cerca de 22.000\$00 em livros e ainda há mais para comprar. Mais uma vez o nosso muito obrigado para as Editoras acima referidas que mostraram, com a sua generosidade, não serem indiferentes às dificuldades de casos como o nosso. Quanto às outras Editoras que não nos responderam, talvez por lapso ou qualquer outro motivo, esperamos a sua ajuda e colaboração.

NOVIDADE — A nossa Capela está mais rica! Tem o Senhor no sacrário depois de tanto tempo de ausência. Foi o desejo da Senhora, e nosso também, que o fez realidade.

Ela é o nosso Santuário, onde vamos todos os dias agradecer o dia ao Senhor; quando começa e acaba. Cada um, baixinho, repete o que o outro diz em voz alta. Tudo é deposto ali, alegrias ou tristezas, e tudo o Senhor aceita porque Ele é Bom e Misericordioso.

Glória ao Senhor para sempre!

OFERTAS — São um sem número delas, de todos os géneros. Vêm, deixam e partem. Quase todos são anónimos. O nome é um impecilho à humildade! Falam pouco, trazem muito e levam talvez a satisfação de haver cumprido. Tomaram muitos tê-la e o Mundo não seria o que é hoje...

Bem hajam amigos. Bendita a vossa generosidade, o vosso desprendimento.

Chiquito-Zé

## Paço de Sousa

TIPOGRAFIA — Nas Casas do Gaiato há uma lei que dá a todos os rapazes oportunidade de escolherem uma oficina a partir de certa idade. Mas, para isso, é preciso terem um ano de faxina em trabalhos da Comunidade.

Temos mais dois rapazes — o «Gazito» e o Virgílio — que pertencem, agora, ao grupo dos tipógrafos. Vamos colaborar com eles o melhor possível, para que aprendam a famosa Arte de Guttemberg. Eles querem ser impressores. Também nós, os mais antigos, vamos contribuir para que sejam felizes no seu trabalho.

OBRAS — Temos a nossa padaria como nova! Parece uma sala de visitas!

Já queimámos o forno. Agora é só começar a cozer o nosso pão, de que temos saudades.

Temos um moinho novo, tabuleiros e mesas novas para fazer o pão e uma despensa, à parte, para guardar as fornadas.

O nosso campo de futebol está na fase final das obras de ampliação e remodelação.

Cont. na 3.ª pág.



# AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

bres, ao sabor das clientelas políticas, delapidando os dinheiros dos contribuintes e sem contrapartidas visíveis para a colectividade, em produtividade e em benefícios sociais. Salvo o devido respeito para quem cumpre escrupulosamente os seus deveres, que nem de perto nem de longe queremos beliscar, permita-se-me o exagero da imagem.

Sabemos que o Estado e afins constituem uma máquina pesada, sem mobilidade e eficiência, antes anquilosante e desmobilizadora. Neles se verificam nítidas situações de sub e pluriemprego e, tanto mais, quanto menos riqueza se produz e investimentos reprodutivos houver, geradores de bem-estar e de novos empregos.

Não há autoridade. Cada um faz o que quer e lhe apetece. Sectores há onde ninguém faz nada ou pouco realiza. Na rua, às horas de serviço, com frequência se encontram funcionários nos cafés ou a tratar de assuntos pessoais, quando não a fazer negócios, como, pasmem-se, a realizar transportes de mercadorias... Em certos locais discute-se tudo, desde o futebol às cores ou qualidades dos tecidos, lêem jornais e revistas,

enquanto o público, impaciente, aguarda ser atendido. A incompetência e o descuido são visíveis, com as consequências mais nefastas e gravosas, quando não picarescas, como, por exemplo, a título de paradigma, sucedeu, ainda há pouco, com um dos nossos rapazes, que ao tirar uma certidão para efeitos de matrimónio, verificou terem averbado o seu «casamento» com a respectiva mãe e, ao pedir a ressalva respectiva, ter de fazer um requerimento e pagar novo averbamento...

Há comissões para estudar tudo, desde as que procuram debelar as dores nos calos até aos problemas da calvície. Outras, de inqueritos que nunca findam ou cujos resultados ficam nos segredos dos deuses, constituem ocasiões para as mais chorudas prebendas favoráveis a determinados senhores, da cor, da família ou da amizade pessoal. E tudo bem nutrido e bem regado, como há dias dizia um membro do Governo: «Fazem-se reuniões, dizem-se umas coisas, come-se bem, bebe-se bom vinho e escuta-se, mas nada se faz de concreto».

O absentismo pode-se considerar uma praga geral, que atinge todos os sectores, fautor de economias paralelas e depauperador dos recursos da

Nação, desde a segurança social à viabilidade das empresas públicas e privadas. Sem criação de riqueza não pode haver distribuição e, consequentemente, novas ocupações, nomeadamente para as camadas que procuram o primeiro emprego, salvo, claro, padrinhos poderosos ou bem situados.

O exemplo deve vir de cima e, infelizmente, é o contrário que se verifica. Veja-se, por exemplo, o que se passa com os senhores Deputados, que se dizem representantes de todos nós. As faltas de «quorum» contínuas, as suspensões das reuniões por ausência, pouca atenção ao que se passa no hemiciclo, etc., etc. Os relatos dos jornais ou as emissões televisivas são conclusivas. Como pode acreditar o Povo nas classes dirigentes se são elas as primeiras a dar o tom? E há quem entenda que são mal pagos e, por isso, até se anunciam chorudos aumentos para dignificar as funções e retribuir os seus sacrifícios a bem da grei. Basta de desaforo.

As baixas fraudulentas são, como toda a gente sabe, uma epidemia e não vemos medidas eficazes capazes de se lhe opor. Será que os Poderes Públicos não conhecem a situação? Trata-se, em grande número de casos, de autênticas vigarices. Às vezes, antes de se ver o «doente» já lhe perguntam «quantos dias quer?», pois é, correntemente, a pedido do próprio, que se estabelece o período de baixa. Por outro lado, médicos sem escrúpulos escrevinham atestados médicos a esmo, que o que interessa são os cobres recebidos. Que medidas tem a Ordem dos Médicos para moralizar o assunto? Há tempos, um amigo nosso tinha no bolso um «relatório» em que era dado como doente psíquico, ele que, graças a Deus, gozava e goza de perfeita saúde. Tratava-se de obter a reforma e por 30 contos havia quem o subscrevesse... E, afirmando «por sua honra» há muito quem minta e vá fazendo fortuna — são os passa-atestados.

Os descalabros das sociedades — di-lo a História — comecem pelas classes dirigentes e mais altamente colocadas. O que se constata entre nós não é nada animador. O Povo autêntico, trabalhador e sofredor, que por esse Portugal fora labuta ou moireja afincadamente não merece que o tratem assim e já não acredita em ninguém. Por ele, sobretudo pelas camadas mais desprotegidas, escrevemos estas palavras. Ainda queremos esperar nos homens. Sobre tudo, crer que as gerações mais novas tomem nas mãos as suas responsabilidades e afirmem em actos os caminhos do futuro, na Verdade, na Justiça e no Amor. O que para aí está cheira a podre e não serve a ninguém, nem tão pouco àqueles que vivem refastelados no seu egoísmo ou

andam pelas praças e ruas aos gritos demagógicos.

● Pouca gente desconhecerá o nome do Abbé Pierre, o fundador e animador internacional do «Movimento de Emaús», que nasceu em França ao serviço dos deserdados. Pois, esse Movimento, espalhado pelo Mundo, também já está em Portugal, onde é bem preciso, aliás. Para desenvolver a sua acção precisa duma casa ou dum andar, em Lisboa, se possível em zona de menor bulício. Aqui fica o apelo e qualquer notícia pode ser comunicada para a Casa do Gaiato de Lis-

boa, ou para o Padre Henri, Estrada da Luz, 1600 Lisboa.

● Relembramos, por assim nos terem solicitado, os locais onde podem ser entregues donativos, assinaturas ou outras ofertas para a Obra: Casa do Gaiato de Lisboa — Santo Antão do Tojal — 2670 LOURES; Lar do Gaiato — R. Ricardo Espírito Santo, n.º 8 — r/c - D.to — 1200 Lisboa; Franco Gravador, R. da Vitória, n.º 40; Maison Louvre, Rossio, 106; Secretaria do Montepio Geral, R. do Carmo, 62, Lisboa.

Padre Luiz

Retalhos de vida

## «Andorinha»

Sou o Victor Luís Alves. Nasci no hospital de Mogadouro em 1973. Tenho, portanto, onze anos.

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, porque o meu pai morreu e a minha mãe não nos podia ter em casa porque somos quatro irmãos.

Aqui, na Casa do Gaiato, sou o «Andorinha». Estou muito bem; trabalho nos jardins e trato bem deles e das flores.

Na minha terra andava com o meu pai, em serviço no campo, a apanhar batatas ou a tratar das videiras. Ele era electricista e faleceu com um cancro no fígado. Chegou a ensinar o meu irmão, o «Papagaio», a fazer instalações eléctricas!

Mando muitos cumprimentos para todos os Leitores d'O GALATO.

Victor («Andorinha»)



## TEMPO DE REFLEXÃO

A maior parte dos casais ao serviço da Obra da Rua parou alguns dias em Fátima, de 31 de Outubro a 4 de Novembro. Tempo de reflexão imprescindível à nossa acção específica, já que na qualidade de irmãos mais velhos ficámos ao serviço dos mais novos em nossas Comunidades — na Obra da Rua.

«Quem há-de fazer o preço às coisas das nossas oficinas, colocá-las no mercado, procurar materiais, fazer a contabilidade — quem?... (Hoje, Pai Américo diria mais: — Quem há-de proceder à Formação profissional dos gaiatos, nesta Obra em que o Trabalho é rei?...)

(...) Tudo isto é missão vossa; lugar que vos está reservado.

Vós tendes inteligência, tendes capacidade, sois dotados de valor. Salvaram-te? Pois vais tu agora salvar. Os teus companheiros da rua estão à tua espera. Põe à ordem deles a tua inteligência, a tua capacidade e o teu valor, que nisso te valorizas mais. E cumpres o Evangelho: «Fazes aos Outros como gostas que te façam a ti».

Lembramo-nos perfeitamente, na década de 50, Pai Américo registar, para sempre, estas e outras notas do seu pensamento sobre nós outros, qual Pai vendo os filhos crescer... e, no

caso vertente, a própria Obra da Rua.

O Retiro foi na Casa de Nossa Senhora do Carmo, em Fátima, presidido por um sacerdote jesuíta com uma longa folha de serviços prestados à Igreja, especialmente nos domínios da Família, das equipas de casais. É evidente, cingidos ao espaço d'O GALATO, não vamos pormenorizar os temas propostos à nossa reflexão sobre a vivência do Matrimónio (casal, filhos...) e sua incidência moral e espiritual dentro e fora dos agregados familiares — na linha pastoral da Igreja; até porque o P.e António, aqui e ali, de forma clara, esquemática, racional — como um de nós comentou — fez uma oportuníssima catequese de adultos.

Além da temática desenvolvida pelo Padre António, os tempos fortes de reflexão situaram-se a nível de casal, de Oração: na capelinha das aparições, na basílica, na Via-sacra, nas Celebrações eucarísticas.

Fátima é terra de Oração, de Vida espiritual. A Mãe do Céu acolheu-nos e entregou-nos a Cristo que precisa de estar sempre connosco, pois a Obra da Rua — acentuamos — pela fé carismática de Pai Américo é devotada ao Santíssimo Nome de Jesus — sua Pedra angular.

Júlio Mendes

## Associação dos Antigos Gaiatos de Miranda do Corvo

Em anteriores edições já anunciámos o nosso primeiro Encontro geral para 6 de Janeiro do próximo ano, véspera do 45.º aniversário da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, assim como o arranque para a criação da nossa Associação, para a qual fora constituída uma comissão que está a trabalhar nesse sentido. Perguntávamos a todos os que passaram por aqui, e que porventura nos lessem, o que pensavam da iniciativa em marcha e pedíamos ainda sugestões para comemorarmos, de forma simples mas condigna, o 1.º Centenário do nascimento de Pai Américo.

Porque o tempo urge, repetimos o mesmo pedido e lembramos o nosso próximo Encontro, para que vás contando e não faltes!

Entretanto, quando leres estas linhas, a Comissão terá feito nova reunião, da qual daremos notícias oportunamente.

Interessa-te! Está atento e dá o teu contributo para que a

Associação dos Antigos Gaiatos de Miranda do Corvo seja uma realidade viva, participante e actuante nas comemorações do Centenário de Pai Américo.

Carlos Manuel Trindade

## Paço de Sousa

Cont. da 2.ª pág.

Será um pedaço de terreno ocupado para os nossos passatempos. Uma alegria para a Comunidade.

Agora estão a calçar os caminhos dos nossos jardins. Quase todos os caminhos da nossa Aldeia estão já calçados!

É bom ver a nossa Aldeia linda, cheia de jardins, árvores e campos verdes.

Manuel Augusto («Chinês»)



Embora julgue ter focado o essencial ao esclarecimento do que é e do que pretende o regime de Aprendizagem instituído pelo Decreto-Lei n.º 102/84, servindo-me, quanto fui capaz, do próprio texto preambular ao referido diploma — não quero deixar de reter o articulado do documento e de referir alguns pontos expressivos do espírito que o informa.

No que diz respeito ao contrato de aprendizagem, que só produz efeitos depois de registado no Centro de Emprego da área respectiva, ele não fundamenta um vínculo laboral, mas sim um compromisso de formação-profissional do jovem, o qual implica, evidentemente,

# Aprendizagem

Por  
Padre Carlos

deveres da parte docente e da discente. O aprendiz, enquanto tal, não é, pois, um trabalhador da empresa; e a bolsa que lhe é facultada não é um salário; mas um fundo financeiro que lhe possibilita a aprendizagem de uma profissão.

Os interesses em jogo também não são de natureza particular, mas colectiva. Pois não é um acto social preparar um jovem para uma válida e necessária intervenção futura no processo renovador da economia nacional?! Não é um problema social a falta de mão de obra qualificada?! Por isso, a empresa, sem embargo de pôr os seus olhos nos aprendizes que forma, em ordem a um futuro contrato de trabalho, não pode servir-se abusivamente deles enquanto os forma, nem de modo algum «limitar a liberdade de exercício da profissão pelo aprendiz depois de concluída a aprendizagem».

A empresa compete, pois, «ministrar ao aprendiz a formação necessária ao exercício de uma profissão necessária ao exercício de uma profissão qualificada», dever que o Decreto-Lei (art. 12.º) desenvolve em

mais onze alíneas. E ao aprendiz compete «ser assíduo, pontual e realizar as suas tarefas com zelo e diligência», o que art. 13.º explicita em mais cinco alíneas — que todas elas se resumem no dever de tomar consciência do seu próprio benefício num processo de interesse colectivo cujo dispêndio é justificado pelos frutos que legitimamente se esperam.

Porque o regime de Aprendizagem reparte a formação do jovem entre a empresa e a escola, impõe-se um carácter de flexibilidade quanto à cessação do contrato de aprendizagem e à sua prorrogação ou celebração de novo contrato. Naturalmente, ele caduca com o exame final de aprendizagem.

Relativamente à prestação da aprendizagem, ela depende de normas regulamentares para cada profissão ou grupo de profissões, estabelecidas pelos Ministérios da Educação e do Trabalho. Estas normas definem, entre outros pontos: «os conteúdos programáticos das áreas de formação específica e de formação geral; a duração efectiva da aprendizagem em função da especialidade de pro-

fissão; o horário; a periodicidade da avaliação dos aprendizes e as formas que deve revestir; os termos e condições em que aos cursos de Aprendizagem será conferida equivalência ao sistema escolar» (art. 22.º).

«Os programas de formação serão definidos em termos de conteúdos mínimos e organizados, preferencialmente, segundo uma estrutura modular. A formação geral é constituída obrigatoriamente pelos domínios de português, matemática, mundo actual e, sempre que possível, por uma língua estrangeira» (art. 23.º).

A aprendizagem durará o máximo de 4 anos, salvo excepção a considerar superiormente no caso de reprovação no exame final, em que é prevista a possibilidade de prorrogação por mais um ano (art. 24.º).

Aprovado no exame final, o aprendiz receberá certificado de aptidão profissional de fundamentação a emissão de carteira profissional e pode também conferir-lhe um grau de equivalência escolar.

Aqui temos, pois, um regime de formação que julgo realista, aberto, capaz de eficácia,

que urge ser posto à prova e aperfeiçoado dentro do espírito de flexibilidade que me parece estar na mente do legislador.

Depois da supressão do Ensino Técnico-Profissional, não houve nada que estabelecesse ponte entre a escola e o mundo do trabalho. Os cursos de Formação Acelerada, há vários anos praticados, nasceram de outra problemática e não são os mais adequados para aqueles níveis etários em que a urgência premente não é o emprego. Quatro anos de duração proporcionam um ritmo muito mais conveniente à formação profissional de quem a pode iniciar aos 14 anos sem enjutar um processo de crescimento cultural que é bom companheiro — diria, mesmo, indispensável companheiro — da progressão técnica que se empreende.

Creio que está definitivamente ultrapassada aquela mentalidade de divórcio entre o ofício e a cultura geral (literária e científica) que levou gerações a julgá-la inútil para o exercício de uma profissão manual. Entre um analfabetismo prático instalado e a ditorite quase não havia meio termo. Pois oxalá este regime possa dotar o País de trabalhadores mais ricos de saber e de arte. E já que apadrinhado pelos pelouros da Educação e do Trabalho, não haja entre eles tricas nem duplicações que o esterilizem. Tampouco aquelas complicações burocráticas em que costumamos ser pródigos, por causa das quais tanto bem possível não chega a ser na expectativa do óptimo que nunca será.

Padre Carlos

## DOCTRINA

● Visitei a casa de uma família pobre, de cujo lar houve de retirar dois doentes, aptos a receberem o mal de um irmão tuberculoso que saíu dos sanatórios. Salvemos estes dois doentes em riscos de se perderem. Casa alugada na serra, auxílio à mãe e filho doente que ficam na cidade — cinco notas... por mês.

● Quem anda nesta vida não deita contas à vida. Arruma as coisas e depois vem gemê-las neste mirante, aos corações da gente de teros.

● Fortunas sóbrias e inteligentes, a cujas portas tantas vezes temos batido e sempre as topamos abertas de par em par, num lindo «entre e sente-se» e «aqui tem o que deseja»; famílias que possuem os seus bens em plena liberdade de acção, sem estarem presas a eles nem por eles serem possuídas, conhecem perfeitamente qual a sua missão no Mundo e a responsabilidade individual das suas riquezas. Nunca o non.

● Tenho ouvido, vezes sem conta, o «muito obrigado pelo bem que me faz, dando-me ensejo de fazer bem» e, dentro de lindas cartas com cheques do Banco, tenho recebido palavras ainda mais lindas que são conceitos sérios e verdadeiros do verdadeiro uso dos bens da terra. Riquezas úteis em mãos de ricos generosos, fortunas abençoadas, alegria de dar.

● Que Deus ponha toda a virtude nestas regras carpideiras e faça brotar delas o querer dos corações. Ele que é capaz de fazer das pedras filhos de Abraão.

● Muitos nadinhas, de preferência a poucos muitos. Esta é a compensação feliz das amarguras de quem pede, quando recebe em cheilo aquele non de três letras, aborrecido, impiedoso e muito prejudicial.

*O. Amín. 5!*

## PARTILHANDO

Cont. da 1.ª pág.

carne, da Vida Eterna. É o filho que, embora sendo pai, por isso mesmo sente os laços da vida para além da morte. Somente o Amor e a Fé criam estes laços. A gratidão e a comunicação ultrapassam, assim, as fronteiras do tempo. E os homens são imortais porque se vêem na Eternidade. Nem a matéria, nem o espaço, nem o tempo são limites deste Projecto que só Deus criou para o Homem, para mais ninguém deste Mundo.

Era o Dia de Todos-os-Santos. O céu carregado de núvens escuras, o céu azul escondido pela aproximação da chuva. As árvores, ainda por despir, eram tocadas pelo vento como harpas de sons que se perdiam, caídas no chão; enquanto nós falávamos do anseio dos antigos gaiatos se associarem — à volta da Obra e doutrina de Pai Américo; à volta de si próprios e dos Outros; à volta do grande ideal: Amor a Deus, Amor ao Próximo!

■ Mais um dia tinha acabado! Era domingo. No fim de jantar despediamos-nos com «boa semana, até à semana», dos que iam para o Porto trabalhar, ou dos que marchavam para os quartéis. O Morgado que trabalha numa escola de crianças, veio sentar-se à nossa beira e puxa conversa: Que no fim-de-semana gosta de comer no meio dos nossos mais pequenos; que gosta de sentir a diferença daqui para lá: — «Um almoço, um jantar, aqui,

é tudo tão simples!» Também por isso é que não temos em nossa Casa a doença da falta de apetite. As coisinhas boas, às vezes e sempre, é que dão enjoo aos meninos. Os miminhos!

Um dia levei um dos nossos rapazes a almoçar a casa de alguém de família. E não sei se por estar à-vontade demais, se por estar mais habituado às nossas comidinhas feitas à base da carne de porco, brindou assim à dona da casa: — O meu bife é rijo como um calhau! Tal e qual. Afeito que estava aos nossos bifes, nem moles nem rijos, estranhou.

Por isso, o Morgado gosta de comer no meio dos mais pequenos. Há ordem, sem etiquetas nem birras. É a diferença e a comparação. É a nossa vida simples com uma beleza que nasce da pobreza. A fé no homem, desde menino.

É que a maior diferença não está no mundo destas crianças para o daquelas. Sim, no mundo delas para o dos adultos. Afé é que é a diferença — um abismo! Andam à chuva e não se molham... Adoecem e não se queixam... Andam à pancada e não se aleijam... Jogam à bola e ganham sempre! Nós, os adultos, não. Só lhes ganharemos se nos deixarmos perder por eles!... E mais nada!

■ O pequeno de Armamar — de quem já falei há dias, n' O GAIATO — anda feliz com tudo isto. Descontraído, risonho e «sem papas na língua», aproxima-se de nós e comenta assim o que ouve: — Dizem

pr'ái que eu sou seu «afilhado». É verdade? Respondo que sim. E, por isso, devo ser chamado «padrinho». Os outros dizem isso por brincadeira, mas ele não. Leva tudo a sério por ainda ser novo e viver assim todas as novidades. A rotina do dia-a-dia ainda não chegou, porque ele não deixou. Brinca, trabalha, estuda e sabe conviver. Viver! Há pouco mais de oito dias que chegou a nossa Casa e parece que sempre lhe pertenceu! Nem há contradições entre a sua vivência de novidade e a fácil adesão ao novo viver. Daí que aceitou de bom grado chamar-me «padrinho». Fui eu que o recebi... Perguntei-lhe o seu nome — apelido — daqui. Respondeu quase a cantar: — «Pintassilgo». Eis o seu «baptismo» de uma vida nova! Ele que teve pais é filho de ninguém... Sente-se feliz por ser «afilhado». Quanto há-de sentir ele como filho, ao ser amado! Cantará então a alegria toda de um dia ter sido chamado — por estes seus irmãos — «Pintassilgo».

Padre Moura

## Atenção

Quando nos escrever ou remeter importâncias para a assinatura d' O GAIATO ou da Editorial, o estimado Leitor não se esqueça de recortar e mandar o seu nome e o número de assinante que vão no respectivo endereço do jornal ou na embalagem dos livros — preciosos elementos para localzarmos a respectiva ficha, ordenada por ordem alfabética.

Para mudança de domicílio precisamos que nos indique, claramente, a antiga e a nova morada. Obrigado.



Director: Padre Telmo      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel - Tel. 952285  
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel